NEOFEMINISMO: OS MOVIMENTOS DE MULHERES DO SUL GLOBAL PODEM REDIRECIONAR O FEMINISMO?

NEOFEMINISM: CAN THE SOUTH GLOBAL MOVEMENTS REDIRECT THE FEMINISM?

Janine Hadassa Oliveira Marques de Borba[1]
Julia Bertino Moreira[2]

RESUMO: Este artigo busca investigar a nova conjuntura do movimento feminista do Sul-Global, a qual poderia constituir uma mudança significativa no feminismo global – o Neofeminismo. Pretendemos investigar quais são as razões que fundamentam esta perspectiva, partindo da teoria pós-moderna. Os resultados apontam uma conjuntura essencialmente diferente das fases anteriores, na qual movimentos do Sul Global caminham em direção a uma atuação transnacional e anti-globalização. A partir de uma abordagem explicativa, a construção teórica foi baseada na revisão bibliográfica de livros e artigos relacionados ao tema.

Palavras-chave: Neofeminismo. identidade cultural. Sul Global. teoria feminista.

ABSTRACT: The article analyses the new conjuncture of South Global feminist movements in the first decade of the century XXI, which could be an important change into global feminism. The results showed that there is a conjuncture essentially different from those of the past, which means that the South Global movements are tending towards a transnational action and also an anti-globalization diretion. The analysis is based on the theorical discussion on the post-modern aspects of this movement and also relies on the specialised literature review (especially post-colonialist and post-modernism feminist theories).

Key-words: Neofeminism. cultural identity. South Global. feminist theory.

1 INTRODUÇÃO

O Neofeminismo é um conceito utilizado para definir os novos movimentos políticos de mulheres que emergiram no limiar do século XXI. O termo surge do reconhecimento de uma mudança significativa no feminismo global causada, sobretudo, pela configuração dos movimentos de mulheres do Sul que é fundamentalmente diferente das fases anteriores do feminismo. Para explorar os fatores que motivam esta denominação é necessário estabelecer que o Neofeminismo se refere a um movimento localizado e que se mostra especificamente no Brasil, Egito e na Índia, países subdesenvolvidos e singularmente marcados pela desigualdade de gênero. Mostra-se atual e desafiador associar o Neofeminismo a uma quarta onda do movimento feminista global, primeiramente porque existem debates que questionam se esta mudança é real ou potencial, secundariamente, estes debates são temas de um baixo número de produções relevantes.

Com este estudo pretendemos interpretar os aspectos específicos dos movimentos do Sul Global que podem levar à ressignificação do feminismo global. O fenômeno, supostamente análogo na América Latina e em todo Sul Global, seria resultado da consolidação das teorias da pós-modernidade, as quais trouxeram as identidades culturais como objetos de referência. Ainda sobre o escopo deste trabalho, partimos do pressuposto de que identidades nacionais, raciais, de classe, de gênero, étnicas e especialmente

[1] Formação em Ciências e Humanidades e Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC. Pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Cientifica "Pesquisando Desde o Primeiro Dia" (PDPD) da Universidade Federal do ABC, originalmente denominada "Neofeminismo: uma nova identidade no século XXI". (janine.hadassa@aluno.ufabc.edu.br).

[2] Orientação: Profª Drª Julia Bertino Moreira do Bacharelado de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. Arcturus, s/n, São Bernardo do Campo – SP, sala 311 (julia.bertino@ufabc.edu.br).

as religiosas, se mostram presentes de tal forma que os feminismos do Sul passaram a preconizar que o pluralismo identitário deve ser predominante na prática e no discurso. Houve, nesse sentido, uma transformação quanto à forma de conceber e de agir, o que resultou em uma nova imagem à articulação transnacional (BAHRI, 2013; BLACKWELL; NABER, 2002; FRASER, 2009; MOHANTY, 1988; MATOS, 2010; AL-ALI, 2000).

É preciso frisar que a questão que estabelece o *novo* no feminismo caracteriza-se pela convergência dos movimentos de mulheres do Sul-Global que, em teoria, concebem sua manifestação política como oposta ao feminismo predominante do Norte Global. A ambivalência entre o Sul e o Norte Global elucida as relações identidade-diferença que existem dentro do feminismo, que embora tenham diferenças de formação e de conteúdo, mantêm uma relativa coerência sob uma multiplicidade de identidades, sem que o movimento perca o seu fundamento (BAHRI, 2013; FRASER, 2009; MATOS, 2010).

2. DESENVOLVIMENTO

Ainda que o feminismo do Norte tenha sido dominante na conjuntura na construção narrativa e histórica do movimento feminista, tomamos nessa análise a posição de que os feminismos do Sul possuem ferramentas capazes de torná-los potenciais atores de uma nova conjuntura. Antes de adentrar nos aspectos mais evidentes, é preciso elucidar uma primeira diferença fundamental entre esses dois padrões: a necessidade de definir no plural, "feminismos", os movimentos do Sul e definir no singular, "feminismo", o movimento do Norte.

Dentro do feminismo a pluralidade de identidades não é fato exclusivo dos feminismos do Sul, porém, o feminismo interseccional (como conhecemos hoje os movimentos identitários que representaram a terceira onda feminista durante os anos setenta nos Estados Unidos e na Europa) estava localizado em um contexto liberal estabilizado e que, consequentemente, não deixou de convencer e ser incorporado pelas mulheres ocidentais. À época, o apelo das feministas interseccionais por voz se dava junto a uma negação de um feminismo pretensamente universal, mas que mantinha uma prática muito pouco representativa e distante das mulheres das classes baixas. Em termos teóricos, a crítica se direcionava ao sujeito de abordagem do discurso predominante que nunca era associado a questões ligadas à raça, classe, nacionalidade e sexualidade. Tais desigualdades não eram consideradas como determinantes para a lógica da igualdade universal capitalista, já que bastava que homens e mulheres se equiparassem em relação ao trabalho e à sexualidade (FRASER, 2009).

Ainda que a ascensão do feminismo interseccional tenha balançado as bases do feminismo norte-americano, o viés liberal de pensamento permanecia predominando e encarando qualquer tipo de apelo à diferença como uma ameaça à homogeneidade feminina. Entretanto, para as feministas interseccionais, a homogeneidade nunca passou de suposição. Mesmo com o intenso confronto entre as duas visões, a razão liberal universalizante e humanista prevaleceu no discurso narrativo quando o feminismo norte-americano se definiu interlocutor das realidades das feministas interseccionais, ou seja, mesmo após o surgimento de novos *sujeitos*, o discurso continuava a ser emitido pelas forças dominantes. Em vez de tornar o feminismo ocidental plural, a tentativa de incorporação da interseccionalidade causou um processo de assimilação. Este processo discursivo pautou o que se entende hoje como *feminismo*, por isso, convencionou-se denominá-lo no singular em razão da sua inflexibilidade às assimetrias de poder e em função de sua supremacia narrativa (FRASER, 2009; SPIVAK, 1985).

Em uma direção acíclica estão os feminismos do Sul Global. Eles são inerentemente plurais por conta dos variados contextos políticos em que eles emergem, mas também se definem por seu conteúdo "popular". Os movimentos de mulheres do Sul Global surgiram como alternativa ao discurso neoliberal do Norte Global e se estabeleceram denunciando os problemas socialmente estruturais dos países do chamado Terceiro Mundo, a citar alguns exemplos como o racismo e a discriminação étnica, nos grandes centros

urbanos são problemas estruturais a não inserção no mercado de trabalho, a dupla jornada, o trabalho escravo, a baixa remuneração, a falta de controle de mulheres sobre a renda familiar, dentre outros (MATOS, 2010).

Outro aspecto que diferencia os feminismos do Sul em relação aos do Norte é antecedência colonial comum a quase todos os países do Sul. Surge desse fato histórico as lutas anti-imperialistas, dentro das quais a luta feminista se tornou relevante e que, posteriormente, ressurgiram redefinidas nas lutas anti-globalização postas nos países da América Latina – são os casos do Movimento de Mulheres Camponesas e do Movimento de Mulheres Zapatistas (AL-ALI, 2000; FRASER, 2009; MATOS 2010).

Vejamos detalhadamente as características que definem o Neofeminismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro ponto a ser ressaltado entre os movimentos do Sul é a multiplicidade de identidades e de frentes de luta, através das quais é possível estabelecer a solidariedade *transnacional*. Isso se deve ao fato de que a pluralidade de identidades permite ao indivíduo uma auto-identificação múltipla capaz de estabilizá-lo como sujeito no mundo. Um exemplo disso é o crescente movimento de mulheres nos países árabes que apresentam como a pluralidade identitária alterou as percepções tradicionais de identidade. Estas mulheres se denominam feministas árabes-muçulmanas, ou seja, são mulheres que buscam na complementaridade de identidades a estabilidade de seu lugar enquanto sujeito no mundo pós-moderno. Nesse sentido, é função das identidades culturais proporcionar um espaço fortemente cultural e estabilizador onde o indivíduo possa agir enquanto sujeito de sua própria história (HALL, 2006).

No que tange ao seu aspecto estabilizador, o feminismo insere a mulher em um grupo, uma comunidade, onde é possível formalizar laços de solidariedade e associação. Em seu critério crítico, as identidades são relevantes para as práticas feministas que se desenvolvem em grupos menores ideologicamente marcados por essas mesmas identidades. É característica fundamental dos feminismos do Sul a predominância das identidades culturais sobre as identidades nacionais. É a possível razão para inferir que tais movimentos de mulheres do Sul compartilham semelhanças quanto ao aspecto regional – o que inclui subjetivamente o que é ser uma *mulher árabe e muçulmana*, o que é ser uma mulher *indiana* etc. (BORBA, 2014a).

Para a teoria pós-moderna, a globalização tardia tem causado a fragmentação nas identidades modernas que anteriormente eram capazes de estabilizar o sujeito no meio social dando uma completa noção de sua função perante a sociedade. As identidades de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade forneciam uma sólida base aos indivíduos, contudo, com o efeito universalizador da globalização em tornar a todos consumidores em potencial, a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados se enfraqueceu. A perda do "sentido de si" é comumente chamada de "descentração do sujeito". É o que se entende como a crise de identidade da pós-modernidade: houve a perda de sentido do seu lugar no mundo, enquanto sujeito social, quanto da perda do sentido de si mesmo (MERCER, 1990; HALL, 2006).

A globalização é um fenômeno que além de fragmentar também homogeneizou as identidades existentes em um esforço para torná-las inexpressivas para que prevalecesse apenas uma atitude consumidora (HALL, 2006).

Contrariando a tendência homogeneizante da globalização tardia, as feministas do Sul Global afirmam a necessidade em considerar as identidades como uma afirmação da diferença. As identidades culturais, para elas, não estão ultrapassadas, ao contrário, ainda têm uma função a assumir dentro de uma perspectiva antirracista e não neoliberal. Com efeito, se iniciou uma tendência no interior do feminismo que buscava a estabilidade em inúmeras identidades complementares a fim de obter o mesmo sentido de pertencimento que era tido anteriormente (ibidem).

É por essa razão que o recorte do Neofeminismo é o século XXI (não os anos setenta do feminismo interseccional) porque foi preciso um processo de maturação quanto à necessidade de se definir no meio social não mais por uma, mas por inúmeras identidades. As novas identidades comuns que emergiram no pós-globalização são resultados de diferentes tradições culturais e são capazes de propiciar redes de ativismo, diretas ou indiretas. Um exemplo disso são as mulheres que se denominam feministas árabes-muçulmanas como forma mais apropriada de se inserir na modernidade tardia. O feminismo islâmico, movimento político que integra a luta pela igualdade de gênero com o islamismo político, cresce como mobilização contra todas as forças assimilacionistas, sejam elas manifestas pela violência terrorista, pela xenofobia ou pelo racismo. As feministas árabes-muçulmanas lutam por algo que está além do direito à diferença a nível global, trata-se também da conquista do direito de ser sujeito na esfera pública a nível local (AL-ALI, 2000; ABU-LUGHOD, 2012).

A segunda característica é a inserção do Neofeminismo dentro de uma perspectiva do Sul e para o Sul. Sendo assim, importa estressar que é sobre as trajetórias históricas dos países subdesenvolvidos que os feminismos se consolidaram. Em sua luta emancipatória, as mulheres do Sul tiveram de lidar com baixas condições de vida, a pobreza, o analfabetismo, a baixa participação na renda familiar, trabalhos subservientes, o acesso restrito ao mercado de trabalho e à educação, dentre outras situações que impedem o usufruto pleno de direitos fundamentais. Uma perspectiva do Sul para o Sul implica, sobretudo, no tratamento aos modos como a identidade é produzida no âmbito de contextos específicos e como o status altera as relações de poder dentro do próprio feminismo (BAHRI, 2013; BORBA, 2014a).

Ainda assim, o feminismo ocidental tentou se posicionar como sujeito da contra-história quando construiu narrativas sobre o feminismo do Sul. Entretanto, tal esforço demonstrou que as mulheres do Terceiro Mundo jamais superariam a posição de objeto. Resultam dessas práticas discursos que definem a mulher do Terceiro Mundo como subordinada, iletrada, oprimida etc (SPIVAK, 1985; BAHRI, 2013).

A afirmação do direito de se auto-representar é um assunto caro aos movimentos do Sul, aos quais importa questionar "quem fala pelo feminismo?", "quem ouve e por quê?", "qual é o seu conteúdo" (são questionamentos também presentes nas vertentes pós-coloniais). No momento em que a atitude de representar a si e a outros se torna um imperativo ocorre o distanciamento abissal do feminismo do Norte e as transformações decorrentes dessa ruptura culminaram até mesmo no abandono da identificação com o "feminismo" passando a ser com "as mulheres do Terceiro Mundo" (SPIVAK, 1996; 1985; MOHANTY, 2003; MATOS, 2010).

Tanto é forte o elemento da antecedência colonial que os movimentos de mulheres do Sul assumem enfrentar o imperialismo de Estado nos contextos econômicos que se delinearam na globalização tardia. Assim se apresenta o terceiro elemento constitutivo do Neofeminismo: o nacionalismo (MOHANTY, 2003; BAHRI, 2013; HALL, 2006).

É interessante observar os casos de Egito e Índia que têm as origens de seus feminismos intrinsecamente ligados às lutas nacionalistas no período colonial. É no momento anterior à independência que o feminismo egípcio alcançou um importante papel na esfera política nacional. À época era interessante aos movimentos nacionalistas incorporar o feminismo para gerar legitimidade ao projeto nacional que viria a ser implementado após a independência. Ambos compartilhavam a perspectiva de um Estado laico, secular e construído a partir da atuação dos diversos setores da sociedade. O feminismo egípcio exercia um papel fundamental dentro da agenda nacionalista, pois atenuava um ponto falho do Islã para o Ocidente, a saber, a condição das mulheres nas sociedades islâmicas (AL-ALI, 2000; BAHRI, 2013).

Todavia, o que se seguiu após o processo de independência foi a repressão do incipiente movimento feminista por homens nacionalistas, que além de serem o centro da narrativa estatal, passaram a pautar a narrativa feminista. A dominação de gênero resultante dessa conjuntura limitou o feminismo antes mesmo que pudesse adentrar nos espaços políticos *democráticos* (AL-ALI, 2000; CHATTERJEE, SINHA *apud* BAHRI, 2013).

Um processo semelhante ocorreu na Índia, onde o movimento feminista também se associou aos movimentos nacionalistas em um único esforço para construir um Estado democrático. O nacionalismo contrapunha a figura do colonizador ao colonizado, estabelecendo a diferença entre os valores da comunidade frente àqueles considerados estranhos, ao mesmo tempo eram reforçadas as imagens da dominação do colonizador sobre a mulher colonizada. Ideologicamente, as culturas que estavam fora do círculo dominante eram estigmatizadas e silenciadas e a colonização se justificava pela pretensa superioridade intelectual e cultural do colonizador (SAID, 1978; BAHRI, 2013; SPIVAK, 1996; 1985; MATOS, 2010; ADLBI SIBAI; ABU-LUGHOD, 2012).

Da mesma maneira a agenda nacionalista indicava um espaço específico para mulheres que, ao final do processo, não teve significância prática. Mesmo após a não adesão do feminismo às agendas estatais persistiu o viés nacionalista principalmente porque as estruturas coloniais continuavam a excluir as mulheres da autonomia econômica e da participação no espaço público (ibidem).

Portanto, o nacionalismo é um forte traço dos feminismos do Sul Global porque lançou luz às dominações de gênero que, ao fim e ao cabo, eram também perpetuadas em função das dominações socioeconômicas (HALLIDAY, 1999; AL-ALI, 2000; ABU-LUGHOD, 2012; CYPRIANO, 2013).

Por fim, a quarta característica dos feminismos do Sul diz respeito à contrariedade à divisão internacional do trabalho capitalista e à lógica de mercado. Como suscitado acima, a perversidade dos efeitos da lógica capitalista sobre as mulheres do Terceiro Mundo foram importantes pautas para os movimentos do Sul. Igualmente, é questionado por que a desigualdade gera efeitos diferentes entre as mulheres nas relações de classe (FRASER, 2009).

Para as feministas ocidentais o foco da luta feminista esteve direcionado à injustiça de gênero do capitalismo estatal, cuja principal manifestação estava na não equiparação entre homens e mulheres no mercado de trabalho - o que não era uma prioridade para outros setores do movimento que ainda debatiam a inserção da mulher no mercado de trabalho (ibidem).

Quando o neoliberalismo surgiu como política de Estado nos países do Sul, as desigualdades de gênero ficaram ainda mais evidentes pelo aprofundamento das desigualdades de classe. O neoliberalismo buscou domar os mercados através da política e para isso era preciso promover as privatizações e a desregulamentação do trabalho. Tal ajuste estrutural foi imposto aos países subdesenvolvidos, empurrando às mulheres, que já estavam na ponta do espectro social, os piores efeitos dessa transformação. Para Fraser, o feminismo ocidental se valeu do avanço neoliberal e embarcou no processo para tornar o neoliberalismo um discurso de massa, ou seja, o neoliberalismo era interessante para reduzir a injustiça de gênero que até então estava presente na fase anterior do capitalismo. Neste momento em diante abriram-se profundas diferenças nos feminismos do Norte e do Sul que atualmente são essenciais para desvendar o Neofeminismo (FRASER, 2009).

De um lado estavam as mulheres trabalhadoras, prestadores de serviços subservientes e de baixa remuneração e mulheres imigrantes que eram subjugadas à inacessibilidade à renda e à estabilidade. A relativa abertura de mercado que o neoliberalismo proporcionou correspondeu à inserção de um sujeito escolarizado e que tinha acesso à renda, no entanto, as mulheres mais vulneráveis (negras, imigrantes) continuaram em condições subalternas e mantidas na escala mais baixa do espectro social (SPIVAK, 1996; FRASER, 2009; MOHANTY, 1988; MATOS, 2010). Dentro dessa mesma lógica neoliberal, o neo-imperialismo elevou as condições de violência e violação de direitos humanos pela imposição das guerras geopolíticas. Em longo prazo, a estrutura dominante que subordinou o Sul Global obstruiu a conquista de direitos das mulheres e das crianças (MOHANTY, 1988; ADLBI SIBAI, 2012).

Enumeramos acima quatro aspectos caracterizantes dos movimentos de mulheres do Sul que objetivamente os distingue do feminismo ocidental predominante até os primórdios do século XXI. A multiplicidade das novas identidades alteraram as percepções sobre as práticas feministas do Sul, o

nacionalismo como discurso que fundamenta a emancipação política e o posicionamento antiglobalização e anti-neoliberal no contexto da modernidade tardia.

Em relação ao posicionamento do feminismo brasileiro neste processo, Marlise Matos, em 2010, expressou informações relevantes acerca de uma "quarta onda" do feminismo:

> (...) proponho (...) a experiência de uma nova "onda" para os movimentos feministas e também para os estudos e teorias feministas que, por sua vez, levem a sério a existência radical (ainda recente) de circuitos de difusão feminista operados a partir das mais distintas correntes horizontais de feminismos (acadêmico, negro, lésbico, masculino etc.), que se poderia chamar de "feminist sidestreaming" ou de "fluxo horizontal do feminismo" (MATOS, 2010).

Matos identifica uma inovação no que tange à forma capilar do feminismo contemporâneo em inúmeras correntes. Estas absorveram as "fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares entre gênero, raça, sexualidade, classe e geração" e foram capazes de atuar tanto no âmbito local, quanto no âmbito internacional, introjetando-se desde os debates populares até os espaços de cooperação internacional, constituindo, assim, uma sociedade civil global. Para a autora, existem esforços concretos para transcender o feminismo a outros movimentos sociais internacionais. Tal iniciativa, constitutiva da quarta onda, denota uma relação transnacional construída pelo interesse cooperativo para uma agenda internacional das mulheres (ibidem).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conjuntura internacional da primeira década do século XXI mostra a emergência de movimentos contestatórios liderados por mulheres do Sul Global. O Neofeminismo é um conceito que define um momento ainda pouco explorado e talvez incipiente para ser denominado *neo*. De certo, relacionar a nova configuração do movimento feminista, especialmente do feminismo egípcio e indiano, às ondas anteriores não parece ser apropriado. A terceira onda do feminismo, como ficou conhecido o momento em que questões culturais ascenderam no âmbito da luta pela igualdade de gênero, estava contextualizada no centro do mundo. Entretanto, o feminismo egípcio e indiano parecem redirecionar o feminismo global a algo que diz respeito a suas próprias realidades.

As configurações dos feminismos do Sul mostram muitas formas de emancipação, religiosas ou não. Tomaram práticas mais ofensivas em relação ao racismo cultural e à exclusão imposta pela divisão internacional do trabalho. Opõem-se a uma ideologia assimilacionista cujo principal efeito é introduzir identidades globalizantes, equiparar a todos como consumidores e suprimir a diferença. As estratégias convergem principalmente em frentes que visam combater o racismo e o caráter político de todas as formas de neocolonialismo – inclusive os discursos que tentam usurpar a produção de conhecimentos que existem dentro da moldura Sul-Sul (BLACKWELL; NABER, 2002).

Apesar da abertura a novas possibilidades de resistência, o Neofeminismo também cristaliza tensões existentes no núcleo dos feminismos do Sul Global. O uso do véu islâmico, por exemplo, é comumente mobilizado dentro do feminismo islâmico como um elemento emancipador, é uma ação política dentro de uma conjuntura marcada pela islamofobia. Todavia, outra vertente do feminismo árabe coloca o uso do véu como pretensamente emancipatório e relembram que as iranianas pré-revolução islâmica, as feministas do governo Nasser e as marroquinas não procuravam defendê-lo. Questões como esta mostram toda a complexidade dos feminismos do Sul porque evidenciam as demarcações epistemológicas que desafiam o presente e o futuro (ABU-LUGHOD, 2012; HADNI, 2017; BORBA, 2017).

Diante dos pontos levantados vimos que encarar o Neofeminismo como ideia potencialmente transformadora, como ação iminente ou como uma realidade, não é de todo modo abstrato. A singular experiência dos países do Sul Global com o colonialismo, os processos de independência, o

subdesenvolvimento e a desigualdade social e, sobretudo, com os efeitos da globalização, os fazem ser propícios ao surgimento de novas teorias do conhecimento social. O Neofeminismo questiona o sentido do feminismo para as mulheres do Sul Global e produz novas significações a partir do Sul e para o Sul. O desenrolar da primeira década do século XXI demonstrou que tais movimentos tendem a se consolidar como atores importantes no cenário global e estão conjugados em um esforço para construir, de fato, uma sociedade civil global (MATOS, 2010; CYPRIANO, 2013; BORBA, 2014ª, 2014b).

Agradecimentos

Este projeto foi desenvolvido no Programa "Pesquisando Desde o Primeiro Dia" (PDPD-UFABC) cuja finalidade principal é promover o primeiro contato de alunos ingressantes com a pesquisa científica. Igualmente, foi fundamental para a realização desse projeto a contribuição de Julia Bertino Moreira, sem a qual não seria possível desenvolvê-lo.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre relativismo cultural e seus Outros. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 20, v.2, p. 451-467, maio-agosto 2012.

ADLBI SIBAI, Sirin. Pensamientos y prácticas de(s)/coloniales: Colonialidad, feminismo e Islam. *Viento Sur*, n. 122, maio 2012.

AL-ALI, Nadje. *Secularism, Gender and the State in the Middle East*: The Egyptian Women's Movement. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vl. 21, n. 2, pp. 659-688, maio-agosto 2013.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da Conferência Mundial contra o racismo para as práticas feministas transnacionais. *Revista Estudos Feministas*, n.10, p. 189-198, 2002.

BORBA, Janine. Neofeminismo: Uma nova identidade no século. In: SEMANA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNESP: VISÕES DO SUL: CRISE E TRANSFORMAÇÕES NO SISTEMA INTERNACIONAL, 12, agosto 2014, Franca. *Anais Cultura, Identidade e pós-modernidade na América Latina.* Franca: UNESP, 2014a. 12 p.

_____. Neofeminismo: uma nova identidade no século XXI. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL, 1, 2014, Sorocaba. *Anais Estudos de Gênero e Diversidade Sexual*. Sorocaba: Universidade Federal de São Carlos, 2014b, 12 p.

_____. *Direitos Humanos, Migrações e Segurança no discurso político francês*: um estudo sobre o caso do véu. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC. 82p, agosto 2017.

CYPRIANO, Breno. Construções do pensamento feminista latino-americano. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 21, v.1, p. 11-33, janeiro-abril 2013.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *New Left Review*, New York, n. 56, março-abril 2009.

HADNI, Dounia. Comment être féministe et musulmane? *La Libération*, dezembro 2017. Disponível em <http://www.liberation.fr/debats/2017/12/19/comment-etre-feministe-et-musulmane_1617819> Acesso 21 dez. 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

MATOS, Marlise. É possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v.18, n.36, p. 67-92, jun. 2010.

MERCER, K. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. *Feminist Review*, n. 30, p. 61-88, Autumn, 1888.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1978.

SPIVAK, Gayatri C. Can the Subaltern Speak? Speculations on Widow Sacrifice. *Wedge,* v. 7, n. 8, p. 120-130, 1985.

_____. *The Spivak Reader*. New York: Routledge, 1996.